



O ENSINO DE ARTE NA EJA: UM ESTUDO DE CASO REALIZADO A PARTIR DE DUAS ESCOLAS DA CIDADE DE JUIZ DE FORA NO ESTADO DE MINAS GERAIS

Gabryella Ribeiro Queiroz

INTRODUÇÃO

Este texto é uma adaptação de um artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob orientação do Prof. Dr. Francione Carvalho e coorientação do Prof. Me. Frederico Crochê. O objetivo é contribuir para o aprofundamento das pesquisas sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Juiz de Fora, com foco na área de Artes Visuais.

Durante a graduação, emergiram questionamentos que nortearam esta pesquisa: onde está a EJA na formação dos educadores em Artes Visuais? Como ocorre o ensino de Arte na EJA em Juiz de Fora? Quais práticas têm mostrado bons resultados? Como se constrói a relação entre docentes e discentes nesse contexto?

Para buscar respostas, realizei uma imersão em duas instituições da cidade: o Colégio de Aplicação João XXIII e o Instituto Estadual de Educação. A vivência nesses espaços evidenciou desafios recorrentes, como greves, paralisações, escassez de materiais didáticos e a baixa assiduidade dos estudantes.

A EJA, conforme garante o artigo 4º, inciso VII da Lei nº 9394/96, deve oferecer uma educação com características e modalidades adequadas às necessidades dos jovens e adultos, respeitando sua diversidade. No entanto, na prática, essa modalidade ainda encontra barreiras estruturais e pedagógicas.



Essa pesquisa nasce de um incômodo com a formação inicial dos professores de Arte. Ao longo do curso na UFJF, percebi a ausência de disciplinas voltadas à EJA. Até 2024, apenas duas componentes curriculares abordaram diretamente o tema: "Ensino Básico de Artes Visuais II" e "Estágio II", ambas ofertadas nos períodos finais e com a expectativa de um conhecimento prévio que, na maioria dos casos, não foi devidamente construído.

Além disso, a realização de estágio na EJA não é obrigatória, o que implica que muitos licenciandos concluem o curso sem qualquer contato prático ou teórico com essa modalidade. Embora seja compreensível que o estágio noturno possa não ser viável para todos, a ausência de vivência com a EJA compromete a formação de professores preparados para atuar em contextos diversos.

Diante disso, busquei compreender, na prática, os desafios enfrentados por professores e alunos nas aulas de Arte na EJA, observando metodologias adotadas, suas recepções pelos estudantes e as principais dificuldades relatadas no cotidiano escolar.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos; Arte Visuais; Juiz de Fora.

ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII

Uma das escolas observadas foi o Colégio de Aplicação João XXIII, no bairro Santa Helena. A instituição atende ao Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio regular e à EJA, esta oferecida no turno da noite. O colégio realiza o ingresso por sorteio, o que democratiza o acesso, e, por ter ampla estrutura, atrai estudantes de diferentes regiões da cidade. Na EJA, a demanda, em sua maioria, costuma ser menor que a oferta de vagas, o que garante matrícula a todos os interessados. Há também a reserva de vagas para pessoas com deficiência.



A baixa procura pode ser explicada por fatores como a localização da escola e o difícil deslocamento até o espaço, especialmente em horários de pico. Muitos estudantes trabalham durante o dia e têm dificuldade de chegar a tempo, preferindo estudar em locais mais próximos de casa ou do trabalho. O perfil dos alunos estava equilibrado em termos de faixa etária, gênero e cor. Havia uma divisão quase igual entre estudantes com menos ou mais de 30 anos, com predominância de trabalhadores, pais e mães de família.

As observações no colégio ocorreram paralelamente à disciplina de Estágio II, e também foram acompanhadas por outros estagiários e por um bolsista do PIDEJA. Iniciaram-se em meio a um cenário instável, já que havia um indicativo de greve nas universidades federais, o que afetaria também o colégio. Mesmo assim, as primeiras aulas ocorreram normalmente até a confirmação da greve, que interrompeu o processo logo no segundo dia.

A escola dispõe de três salas de Arte e uma galeria de exposições. Contudo, as turmas da EJA têm aulas no prédio do Ensino Médio, distante das salas específicas, o que desmotiva o deslocamento dos alunos — já cansados após um longo dia. Assim, muitas aulas acabam sendo realizadas no próprio prédio do Ensino Médio ou no laboratório de ciências.

As aulas observadas foram ministradas pelo professor codinomeado nesta pesquisa como Terra. Sua proposta era “Quem sou eu?”, com foco em memória, identidade e raízes. Apesar da proposta rica, a irregularidade na frequência dificultava a continuidade. Muitos estudantes compareciam esporadicamente, tornando desafiador manter o fio condutor das atividades. Diante disso, Terra reformulou parte das ações após o retorno da greve, optando por atividades coletivas, o que gerou maior engajamento.

No projeto “De onde eu vim?”, os alunos de cada turma realizaram pinturas com tintas de terra, formando imagens coletivas. O resultado foi a exposição “Os verdadeiros donos da terra”, que abordava a presença indígena na história do Brasil. Segundo Terra, essa foi apenas



a primeira etapa de uma proposta que visava discutir e valorizar nossas raízes étnicas: indígena, africana e europeia.

Figura 1- Parte do trabalho executado pelos alunos em sala de aula



Acervo pessoal (2024)

Figura 2- Parte do trabalho executado pelos alunos em sala de aula



Acervo pessoal (2024)



O Colégio João XXIII tem como diferencial o acesso a materiais artísticos, o que permite ampliar as possibilidades das aulas. Embora o projeto tenha utilizado materiais simples — terra, água e cola —, havia também papel, pincéis e utensílios que nem sempre estão disponíveis em outras escolas. Em muitos contextos, é o próprio professor quem precisa arcar com esses custos, o que compromete a qualidade das aulas. A desvalorização da disciplina de Arte, já recorrente no ensino regular, tende a ser ainda maior na EJA.

Durante as observações, ficou claro que o projeto desenvolvido por Terra tinha também o objetivo de dar visibilidade à EJA dentro da instituição. As obras expostas permitiam que outros estudantes e funcionários reconhecessem os alunos da EJA como parte ativa da escola e como produtores de arte. Esse gesto, além de simbólico, foi uma forma de inclusão e valorização.

Terra também incorporou conteúdos da Lei 10.639/2003, que estabelece o ensino da história e cultura afro-brasileira. Abordou temas como o racismo estrutural, a diferença entre o racismo no Brasil e nos EUA, e o conceito de “palmitagem”. Cedeu ainda uma de suas aulas a um estagiário para falar sobre arte contemporânea e luta antirracista. Uma das atividades práticas se inspirou na obra “Ah, branco, dá um tempo!”, de Lorena Monique dos Santos. Nela, estudantes da UNB escreveram em um quadro frases racistas que ouviram na universidade, revelando a persistência do racismo no cotidiano.



Figura 3 - Exemplos do trabalho “Ah Branco, dá um tempo!”



Fonte: Site Capricho (2015)

A relação entre professor, alunos e a própria proposta pedagógica será analisada na conclusão, junto das observações da segunda escola acompanhada.

ESTUDO DE CASO NO INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JUIZ DE FORA

A segunda escola observada foi o Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora, mais comumente conhecido como Escola Normal, localizado no centro da cidade. A escola oferece desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio no ensino regular, além do Ensino de Jovens



e Adultos (EJA) no período noturno. A instituição conta com uma grande estrutura física, incluindo sala de artes, sala de vídeo, sala de computação e auditório. No entanto, ao conversar com a professora substituta, ela mencionou preferir passar atividades que pudessem ser executadas em sala de aula, pois, para acessar outras salas, era necessário subir escadas, o que gerava cansaço nos alunos, dificultando sua atenção em atividades como a exibição de vídeos.

O perfil dos estudantes é diferente do da escola anterior. A maioria está abaixo dos 30 anos. Em conversa com alguns deles, percebi que, enquanto os mais velhos viam no EJA uma nova oportunidade de concluir os estudos, após terem desistido quando mais jovens, os mais novos eram ex-alunos do ensino regular que, por algum motivo, repetiram de ano uma ou mais vezes e, por já terem idade para ingressar no EJA, optaram por essa modalidade. Em relação a gênero e cor, havia uma divisão equilibrada..

Na Escola Normal, observei duas professoras diferentes. Comentarei brevemente sobre ambas. A professora Mercúrio (codinome para preservar sua identidade) utilizava uma metodologia que alternava entre aulas teóricas e práticas, trazendo também objetos relacionados ao conteúdo estudado para que os alunos pudessem experimentar o tato, o sentir e o ver.

Infelizmente, não pude acompanhá-la por muito tempo, pois, após um mês de observação, ela se retirou em razão do retorno da professora titular de sua licença. Contudo, em uma das últimas aulas observadas, os alunos estavam sendo introduzidos à técnica da gravura. A professora trouxe materiais utilizados na produção de gravuras, indicações de livros e algumas produções próprias. A aula foi seguida por uma atividade prática de confecção de carimbos com base de E.V.A., um material mais acessível, que, diferentemente do que ocorria no C. A. João XXIII, precisou ser financiado pela própria professora.



Figura 4 - Experimentação de carimbos

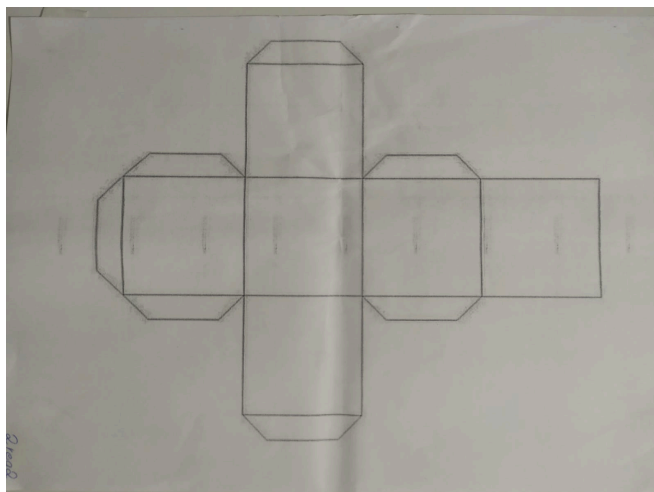


Acervo pessoal (2024)

Seguindo para a segunda professora, que chamarei de Saturno, sua metodologia apresentava uma abordagem diferente. As propostas da professora eram mais voltadas para o lúdico, como atividades de colorir um casal dançando, resolver um caça-palavras ou desenhar a palma da mão e preenchê-la. Essas atividades, no entanto, eram oferecidas com pouca ou quase nenhuma explicação teórica ou contextualização sobre o motivo de estarem sendo realizadas.



Figura 5 - Atividade de Op Art



Acervo pessoal (2024)

Figura 6 - Atividade de colorir



Acervo pessoal (2024)



Como observadora, questiono sua escolha de metodologia e atividades, me pareceu um descompromisso da professora em aproveitar do potencial dos estudantes, que demonstravam habilidades e interesse em executar diferentes propostas. Conforme Gadotti (1996, p. 83), "Esses jovens e adultos são tão capazes quanto uma criança, exigindo apenas mais técnica e metodologias eficientes para essa modalidade".

O estudo de Arte em sala de aula permite ao aluno desenvolver, por meio da observação de imagens, sua identidade pessoal, respeitando as individualidades que cada um apresenta de acordo com sua vivência. Como afirma Barbosa (2003, p. 18), "Eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente, nem estrangeiro em seu próprio país".

Devo ressaltar que as observações foram complicadas devido ao período de paralisações nas escolas estaduais. Como as aulas de Arte ocorriam apenas uma vez por semana, se a paralisação coincidissem com o dia da aula, os alunos e alunas perdiam uma semana de processo. Em algumas turmas, durante o bimestre, houve menos de um mês de aulas de Arte. Se antes a continuidade das aulas já era uma dificuldade, essa situação se agravou ainda mais. Os professores tinham que lecionar sem saber se haveria aula na semana seguinte, se haveria paralisação ou greve, o que influenciou diretamente na continuidade e qualidade do ensino, prejudicando principalmente os alunos. No entanto, isso não justifica a falta de compromisso em oferecer um ensino produtivo a esses estudantes, que já sofrem com o descaso da comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando duas escolas, busquei ampliar minha percepção sobre a EJA, não para estabelecer comparações qualitativas, mas para compreender diferentes formas de atuação.



Em ambas, identifiquei um sentimento recorrente entre os estudantes: a falta de pertencimento e a sensação de estarem "atrasados" por não terem concluído os estudos no tempo regular.

No Colégio de Aplicação João XXIII, o professor Terra atuava diretamente para transformar essa percepção, incentivando a integração dos alunos e reafirmando sua importância na comunidade escolar. Já na Escola Normal, a relação docente-discente era mais distante e burocrática, centrada no cumprimento de conteúdos obrigatórios, o que enfraquecia o envolvimento com os temas abordados.

A postura dos professores impacta diretamente a qualidade das relações em sala. No Colégio de Aplicação, havia mais liberdade para expressões, dúvidas e trocas pessoais, o que criava um ambiente propício ao aprendizado e à produção artística. Na Escola Normal, essa abertura só se estabeleceu parcialmente com a professora substituta, Mercúrio. Com Saturno, a preocupação dos estudantes se restringia às notas, limitando o aprofundamento nas aulas.

Ambas enfrentam desafios típicos da EJA, como frequência irregular e paralisações que dificultam o andamento do calendário escolar. No entanto, cada uma reage de forma distinta a essas limitações. A experiência me permitiu refletir sobre questões que não eram abordadas na minha formação, como o impacto das greves e o distanciamento da comunidade escolar em relação à EJA.

O ensino de Arte na EJA é duplamente marginalizado: por ser Arte e por atender um público historicamente negligenciado. Essa pesquisa me ajudou a compreender as especificidades da modalidade, os desafios enfrentados pelos docentes e a relação da comunidade escolar com esses alunos. Contudo, também despertou novas perguntas: como tornar as aulas envolventes mesmo com poucos recursos? Como manter um ensino de qualidade sem sobrecarregar os estudantes? Como lidar com a diversidade de forma sensível e eficaz?



Esses questionamentos me movem a seguir investigando e a buscar formas de transformar o espaço educativo em um lugar mais inclusivo, criativo e atento às singularidades de cada aluno, especialmente na EJA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BDTD. Disponível em: <<https://bdt.d.ibict.br/vufind/>>.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>.

CAPRICHOS. “Ah, branco, dá um tempo!”: estudantes criam campanha online em Tumblr. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/ah-branco-da-um-tempo-estudantes-criam-campanha-online-em-tumblr>>. Acesso em: 17 set. 2024.

GADOTTI, Moacir (Org.). Educação de jovens e adultos: as experiências do MOVASP. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.

MAE, A.; ECA -USP, B. PROCESSO CIVILIZATÓRIO E RECONSTRUÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DA ARTE. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Barbosa.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.